



revista cristã
última chamada

Enganos na Interpretação da Profecia no Tempo da Igreja Primitiva



César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

[www.
revistacrista
.org](http://www.revistacrista.org)

Enganos na Interpretação da Profecia no Tempo da Igreja Primitiva

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Enganos na Interpretação da Profecia no Tempo da Igreja Primitiva

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Londrina - Paraná
Novembro de 2024

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	08
1. Engano sobre a ressurreição de Cristo	09
2. Engano a respeito da restauração do Reino a Israel	20
3. Engano acerca da ressurreição dos mortos	23
4. Engano sobre a situação dos mortos em Cristo e a vinda do Senhor	27
5. Engano sobre o Dia do Senhor	29
6. Engano sobre a demora da vinda do Senhor	32
Conclusão	
A certeza sobre a Segunda Vinda de Cristo	35
Obras importantes para pesquisa...	38

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas. César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã.

Introdução

Muitas pessoas acreditam que a Igreja primitiva era quase “perfeita”, sem enganos, e que a doutrina era tão pura que não havia qualquer tipo de dúvida por parte de seus membros. No entanto, as Escrituras Sagradas revelam que, em diversos aspectos, havia grande ignorância sobre certos temas.

Foi justamente pensando nesse tema, tão relevante nos dias de hoje, quando muitas vozes proclamam mensagens divergentes, que decidi reunir alguns dos enganos presentes na Igreja primitiva, especialmente no que diz respeito à Escatologia, o estudo das últimas coisas.

Fiz uma pesquisa que abrange desde os doze discípulos, enquanto Jesus ainda estava entre eles, passando pelo livro de Atos dos Apóstolos, pelas cartas de Paulo aos coríntios e tessalonicenses, pela carta de Pedro, e finalizando com as cartas de João. Ao final, apresento uma reflexão sobre um tema em que a Igreja jamais se equivocou, desde a antiguidade até os dias atuais.

Além disso, faço comparações com o cenário atual, destacando como a Igreja tem repetido os mesmos erros do passado, sem aprender com os enganos históricos.

Não espero que o leitor encontre aqui uma obra grandiosa ou profunda, mas sim uma reflexão clara e objetiva sobre os enganos que persistem, mostrando como muitos ainda continuam a repetir as falhas do passado.

1

Engano sobre a ressurreição de Cristo

Apesar das claras e repetidas declarações de Jesus sobre Sua morte e ressurreição, os discípulos não conseguiram compreender o significado dessas palavras. Em diversos momentos, como vemos nos Evangelhos, Jesus anunciou que seria entregue, morto e ressuscitaria ao terceiro dia, mas esses ensinamentos eram difíceis de assimilar para aqueles que o seguiam. Em vez de entenderem o que estava prestes a acontecer, os discípulos ficaram confusos, tristes ou até mesmo resistentes à ideia de um Messias que passaria por tanto sofrimento. A ressurreição, um conceito tão revolucionário, só se tornaria claro para eles após o evento, quando, finalmente, suas mentes foram abertas para entender o plano divino que estava por trás da morte e vitória de Jesus sobre a morte: “Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lucas 24:45).

Os momentos em que Jesus anuncia Sua morte e ressurreição são importantes porque mostram a dificuldade dos discípulos em entender o plano de salvação que Jesus estava revelando. Abaixo, selecionei alguns desses textos.

Mateus 16:21-23:

“Desde então começou Jesus a mostrar a seus discípulos que era necessário que fosse a Jerusalém e sofresse muitas coisas das mãos dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto, e no terceiro dia fosse ressuscitado. E Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: 'Deus te livre, Senhor! Isso de modo algum te acontecerá!' Mas ele, voltando-se, disse a Pedro: 'Para trás de mim, Satanás! Tu és para mim um tropeço, porque não compreendes as coisas de Deus, mas as dos homens’”.

Neste momento, o Senhor Jesus fala de maneira explícita sobre Sua morte e ressurreição, mas Pedro, um dos discípulos mais próximos, não consegue aceitar essa ideia. Ele tenta impedir Jesus, e como resposta, Jesus repreende-o severamente, dizendo que Pedro está agindo como um "tropeço" no caminho de Deus. Este exemplo demonstra como um entendimento errado sobre um tema escatológico pode ser usado por Satanás como um instrumento para paralisar a Igreja em sua missão no mundo. Note, caro leitor, que se trata de um engano escatológico, no qual Pedro tenta impedir o cumprimento do Plano de Deus ao tentar impedir que Jesus enfrente a morte. Se Jesus não morresse, não haveria salvação nem ressurreição.

Um exemplo atual de impedimento na missão da Igreja é a doutrina do Arrebatamento Secreto da Igreja. A doutrina do Arrebatamento Secreto prejudicou gravemente a Igreja, mais do que todas as outras doutrinas futuristas e pessimistas combinadas, é importante notar que essa mesma doutrina também contribui para retardar o cumprimento da Grande Comissão de Mateus 28:18-20. Muitos crentes podem argumentar que a crença no arrebatamento os incentiva a evangelizar, o que, à primeira vista, pode parecer plausível. No entanto, a história mostra que, embora o conceito de Arrebatamento Secreto tenha motivado alguns a trabalhar pela salvação de almas, ele também gerou

uma mentalidade derrotista e escapista em muitos membros da Igreja. O resultado disso foi o afastamento da Igreja da esfera pública, permitindo que o controle da política e da cultura caísse nas mãos dos ímpios. A Igreja aceitou essa realidade, adotando a ideia de que as coisas, supostamente, “deveriam ser assim”.

Um exemplo claro dessa armadilha pode ser visto na Igreja chinesa. Antes da ascensão do comunismo, o trabalho missionário na China estava florescendo e o Evangelho se espalhava, com a nação sendo discipulada na Fé Cristã. Foi precisamente nesse período que a doutrina do Arrebatamento Secreto foi introduzida aos cristãos chineses, e muitos a aceitaram. Em 1947, Mao Tse Tung trouxe o comunismo para a China, e os mesmos missionários ocidentais que haviam promovido a doutrina do Arrebatamento Secreto acabaram abandonando o país. Com isso, o governo chinês iniciou uma perseguição intensa à Igreja chinesa.

Durante aquela intensa perseguição, a preocupação imediata da Igreja chinesa foi rapidamente substituída quando os pastores lembraram os crentes sobre a doutrina do Arrebatamento Secreto, assegurando-lhes que não precisariam suportar a perseguição, pois seriam arrebatados antes do sofrimento. Infelizmente, essa visão estava equivocada. O que realmente ocorreu foi que milhões de cristãos chineses foram brutalmente torturados e mortos, enquanto o movimento comunista seguiu seu curso, persistindo até os dias de hoje.

De acordo com o teólogo Ponce Leon, como “resultado, mais de 70.000.000 milhões de chineses morreram. A Igreja chinesa foi ensinada que o mundo estava piorando e não havia nada que

pudessem fazer além de esperar que Jesus os arrebatasse para fora daqui”.¹

Em vez do Arrebatamento Secreto, os cristãos chineses deveriam ter levado a sério a verdade de que Jesus mandou que se fizessem discípulos das nações, promovendo assim mudanças em massa que envolveriam os assuntos políticos, religiosos e culturais da China. Muito possivelmente eles teriam conseguido que a ascensão do Comunismo tivesse falhado salvando as vidas de mais de 70.000.000 milhões de chineses.

Assim como Jesus, devemos em nosso tempo dizer para os defensores da doutrina do Arrebatamento Secreto: “Para trás de mim, Satanás! Tu és para mim um tropeço, porque não compreendes as coisas de Deus, mas as dos homens”.

Mateus 17:22-23:

“Quando estavam reunidos na Galileia, Jesus lhes disse: 'O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e eles o matarão, e no terceiro dia ressuscitará.' E eles se entristeceram muito”.

Aqui, Jesus repete a previsão de Sua morte e ressurreição, mas a reação dos discípulos é de tristeza, pois eles não conseguem entender plenamente o que Ele está dizendo. A ressurreição ainda era um conceito nebuloso para eles.

Tenho visto muita tristeza por parte das pessoas quando descobrem que não haverá Grande Tribulação, Anticristo e Arrebatamento Secreto. Assim como os discípulos ficaram tristes com a verdade escatológica sobre Jesus, pois esperavam algo a mais acerca do

¹ Replacing the Rapture - Effectively Win the Nations by Replacing the Rapture with the Great Commission - pg. 102. Ponce Leon. Copyright © 2017 Ponce Leon. All rights reserved. Edited by Freda Artichoker.

Messias, muitos em nosso tempo se entristecem com a vitória do Reino de Deus para o futuro da humanidade. A Igreja moderna espera pelo caos social, moral, intelectual e espiritual em nosso tempo, não por um avivamento das nações e conversões que irão melhorar o mundo.

Marcos 9:30-32:

“Saindo dali, passaram pela Galileia, e Jesus não queria que ninguém soubesse, porque ensinava a seus discípulos, dizendo-lhes: 'O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens. Eles o matarão, e, três dias depois de morto, ressuscitará.' Mas eles não entendiam essa palavra e temiam interrogá-lo”.

Este texto é semelhante ao anterior em Mateus, mas com um detalhe adicional: os discípulos não apenas não compreendem, como também têm medo de perguntar a Jesus sobre o que ele quer dizer com isso. A revelação da morte e ressurreição de Jesus era tão desconcertante para eles que preferem não questioná-lo.

Tenho visto através de depoimentos e atitudes que muitas pessoas têm medo de interrogar sobre a escatologia pós-milenista e preterista parcial, pois, como disse o teólogo Jonathan Welton, “muitos podem sentir que estão perdendo um pedaço fundamental do Novo Testamento, que imaginavam estar relacionado a eles pessoalmente, quando percebem que já houve um cumprimento histórico e profético”.²

² Sem Arrebatamento Secreto - Um Guia Otimista para o Fim do Mundo, pg. 189. Autor: Jonathan Welton, Th.D. 2ª edição, Outubro de 2019. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm Acessado dia 21/11/2024

Welton acrescenta:

“Quando as pessoas perceberem que não existe uma futura Grande Tribulação ou anticristo, não deveriam ter um sentimento de perda; mas deveriam se alegrar pelo que perderam!

Descobrir a visão otimista do fim dos tempos é um dos pedaços melhores e mais maravilhosos das notícias que os cristãos modernos podem escutar. O recebimento dessas notícias como sendo negativas, tipicamente vem de um local não saudável no coração das pessoas, especialmente daqueles que querem ver Deus julgar seus arredores”.³

Lucas 9:43-45:

“Estavam todos maravilhados com todas as coisas que Jesus fazia. E ele disse a seus discípulos: 'Ponham no coração de vocês estas palavras: o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens.' Mas eles não entendiam essa palavra. Era-lhes encoberta, para que não a compreendessem, e temiam perguntar-lhe sobre isso”.

Em Lucas, a incapacidade dos discípulos de entender o que Jesus está dizendo é atribuída a um bloqueio divino (“era-lhes encoberta”). Eles, novamente, não compreendem as palavras de Jesus e temem perguntar-lhe a respeito.

Às vezes, fico refletindo sobre o motivo de muitas gerações não terem tido um entendimento adequado da Escatologia Bíblica. Seria por conta da Soberania de Deus, que, para muitos, poderia ser resumida na frase “era-lhes encoberta”? Ou seria pela incredulidade, maldade e ignorância de muitas denominações religiosas que suprimiram a verdade por meio da injustiça? Em nosso tempo, em que a tecnologia e as informações já não estão mais escondidas, vejo muitos enganos no campo das profecias sobre o fim dos tempos, principalmente por parte de pessoas que conhecem o outro lado da

³ Idem nº 2, pg. 189.

moeda, mas distorcem suas interpretações. Seja qual for o motivo pelo qual a Escatologia Bíblica tenha sido ensinada erroneamente em diversas ocasiões, o fato é que certas coisas permanecem encobertas por um tempo, conforme o propósito Divino.

João 2:18-22:

“Então, responderam os judeus e disseram-lhe: 'Que sinal nos mostras para fazeres essas coisas?' Jesus respondeu e disse-lhes: 'Destruí este templo, e em três dias o levantarei.' Então disseram os judeus: 'Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e você o levantará em três dias?' Mas ele falava do templo do seu corpo. Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos se lembraram de que ele dissera isso; e creram na Escritura e na palavra que Jesus tinha dito”.

Embora este texto se refira a um momento anterior à crucificação, é importante porque mostra que até mesmo os discípulos não compreenderam as palavras de Jesus sobre Sua morte e ressurreição até depois de ele ressuscitar. Quando Jesus falou sobre destruir o templo e reconstruí-lo em três dias, os discípulos inicialmente pensaram que ele estava falando do templo físico, mas depois, quando ele ressuscitou, lembraram-se das palavras e entenderam seu verdadeiro significado.

Muitas vezes, a interpretação literal das Escrituras, especialmente no contexto das profecias bíblicas, tem gerado debates significativos dentro das igrejas evangélicas, particularmente aquelas que aderiram ao Dispensacionalismo. O Dispensacionalismo, uma corrente teológica que surgiu no século XIX, propõe uma leitura das Escrituras em que as profecias, especialmente aquelas relacionadas ao fim dos tempos, são entendidas de forma literal e futura. De acordo com essa perspectiva, eventos como o retorno de Cristo, a restauração de Israel e o reinado milenar são vistos como previsões

diretas e específicas a serem cumpridas num futuro próximo ou distante.

Esse tipo de interpretação assume que as promessas feitas a Israel, como a sua restauração e a construção de um templo literal, serão cumpridas de maneira física e concreta, conforme descrito nas Escrituras. Para os dispensacionalistas, não há muita flexibilidade quanto ao significado das profecias; elas devem ser vistas como promessas literais que acontecerão exatamente como foram registradas na Bíblia.

O problema com essa abordagem, no entanto, é que ela pode limitar a compreensão espiritual e simbólica das Escrituras. Muitas profecias, especialmente no Antigo Testamento, utilizam uma linguagem figurativa e simbólica, e a interpretação literal pode obscurecer o significado mais profundo e espiritual dessas mensagens. Quando Jesus falou sobre destruir o templo e reconstruí-lo em três dias, os discípulos entenderam inicialmente de forma literal, como se Ele se referisse ao templo físico. Contudo, depois de Sua ressurreição, eles compreenderam que Ele falava do Seu próprio corpo, e não de uma construção material. Esse exemplo mostra como as profecias podem ter camadas de significado que não são imediatamente visíveis em uma leitura estritamente literal.

Além disso, a tendência ao literalismo pode gerar uma visão distorcida e simplificada dos ensinamentos bíblicos, ignorando os contextos históricos, culturais e espirituais que envolvem as palavras de Cristo e os profetas. A Bíblia contém muitos gêneros literários, como poesia, metáforas e parábolas, que exigem uma leitura mais cuidadosa e menos mecanicista.

Embora o Dispensacionalismo tenha seus defensores, e algumas passagens possam parecer sugerir um cumprimento literal, é importante lembrar que as Escrituras não devem ser reduzidas a um único nível de interpretação. Muitas vezes, elas falam tanto ao

coração do crente em termos espirituais quanto ao cumprimento de eventos futuros. O desafio da Igreja hoje é discernir quando uma profecia deve ser entendida de forma literal e quando ela carrega um simbolismo profundo que aponta para realidades espirituais e eternas.

Conclusão deste Capítulo

Em todos esses episódios, vemos que Jesus anunciou de maneira clara e repetida Sua morte e ressurreição, mas os discípulos não conseguiam entender. Isso se deve em parte ao fato de que a ressurreição, como um conceito, era algo revolucionário e incompreensível para os discípulos naquele momento. Eles estavam focados em uma expectativa de um Messias terreno, que libertaria Israel do domínio romano, e não conseguiam integrar a ideia de um Messias que morreria e ressuscitaria para a salvação do mundo.

Além disso, os Evangelhos mostram que os discípulos eram limitados em sua compreensão até que a ressurreição de Jesus acontecesse, momento em que finalmente as palavras de Jesus passaram a fazer sentido para eles (como é relatado em João 2:22 e em outros textos pós-ressurreição).

O engano dos discípulos sobre a ressurreição de Jesus pode ser explicado, em grande parte, pela visão que eles tinham do Messias. No contexto do Judaísmo do primeiro século, muitos esperavam um Messias guerreiro, alguém que viria para libertar Israel do domínio romano e estabelecer um reino terrestre de poder e glória. Essa expectativa estava profundamente enraizada nas Escrituras Hebraicas, especialmente nas profecias de um rei vitorioso da linhagem de Davi, que governaria sobre todas as nações.

Em nossos dias, muitos seguem o mesmo engano que os primeiros discípulos de Jesus, acreditando que o Rei retornará de forma

repentina, com grande poder e glória, para estabelecer Seu Reino de maneira abrupta. No entanto, as Escrituras nos ensinam que, embora o Senhor retorne de fato de maneira literal, em poder e glória, Seu Reino é estabelecido de forma progressiva neste mundo até o momento de Sua vinda final.

Seu Reino não acabará até Ele destruir toda autoridade e poder, novamente tornando Seu reino uma realidade presente progressiva para nós. A Escritura afirma que o Reino de Cristo é eterno e será estabelecido plenamente ao final dos tempos. Em 1ª Coríntios 15:24-25, lemos:

“Então virá o fim, quando Ele entregar o reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, toda autoridade e todo poder. Pois é necessário que Ele reine até que ponha todos os inimigos debaixo de seus pés”.

Isso revela que o reinado de Cristo se estende até que Ele tenha derrotado completamente todas as forças opositoras, estabelecendo Seu reino como uma realidade progressiva e crescente em nossa vida presente. O último inimigo a ser destruído é a morte; não há MAIS NENHUM inimigo após a morte, e nem mais governo e autoridade após a morte ser destruída, já que a morte é O ÚLTIMO INIMIGO que Cristo tem que lidar.

A destruição da morte é a vitória final de Cristo, conforme 1ª Coríntios 15:26: “O último inimigo a ser destruído é a morte”. Quando Cristo derrotar a morte, não haverá mais inimigos a serem vencidos, nem mais governantes ou autoridades a serem destruídos. Isso marca a consumação do plano divino, quando todas as forças que causam sofrimento e separação serão eliminadas.

Portanto, o Reinado de Cristo sobre esta Terra é literal, mas Seu domínio acontece de maneira progressiva a medida que as pessoas se submetem ao Seu Senhorio.

2

Engano a respeito da restauração do Reino a Israel

“Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?”

– Atos 1:6

Muitas pessoas acreditam que os discípulos não compreenderam corretamente o ensinamento de Jesus sobre o Reino de Deus. No entanto, isso não é verdade. Ao invés dos discípulos, são muitos cristãos de hoje que não entendem o que Jesus quis dizer em Atos 1:6.

No versículo 3, é afirmado que, após a ressurreição, Jesus passou quarenta dias falando sobre “as coisas relativas ao Reino de Deus”. Considerando que Jesus havia aberto a mente dos discípulos para que pudessem entender as Escrituras (Lucas 24:25-27), as perguntas dos discípulos referiam-se apenas ao momento em que as promessas do Reino, que Jesus os havia ensinado, seriam cumpridas.

No contexto do Preterismo Parcial e do Pós-milenismo, a interpretação da "restauração do reino" mencionada em Atos 1:6 tende a se afastar de uma leitura literalista que espera uma restauração física e política de Israel como nação no sentido convencional.

O Preterismo Parcial é uma escola de interpretação escatológica que ensina que muitos (se não a maioria) dos eventos profetizados na Bíblia já se cumpriram no passado, especialmente no primeiro século, com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. e a queda do templo.

De acordo com os preteristas, quando os discípulos perguntam sobre a restauração do reino de Israel, a resposta de Jesus (em Atos 1:7) indica que a restauração não seria uma restauração política e territorial literal no sentido judaico tradicional. Ao contrário, a restauração do reino seria um evento espiritual e transicional, que ocorreu com a vinda do Espírito Santo e a fundação da Igreja.

Os preteristas entendem que, com a morte, ressurreição e ascensão de Cristo, o Reino de Deus foi instaurado de forma espiritual. A “restauração do reino” se dá por meio da expansão do Evangelho e a conversão dos judeus (e de todos os povos) para Cristo, não sendo uma restauração territorial de Israel. A nova realidade do Reino de Deus, portanto, é vista como uma Nova Aliança espiritual, que inclui judeus e gentios, sem a necessidade de uma terra física ou governo político.

O Pós-milenismo também vê a “restauração do reino” de forma não literal, mas com uma ênfase na progressiva conversão das nações e no estabelecimento de um Reino espiritual de Cristo na Terra antes de Sua Segunda Vinda.

Os pós-milenistas acreditam que, antes do retorno de Cristo, o Evangelho se espalhará por todo o mundo e trará a conversão de muitas pessoas, incluindo judeus. Assim, a restauração de Israel em Atos 1 é entendida de maneira espiritual. O Reino de Deus é

restaurado na forma de uma “nova Israel”, que inclui todos os crentes em Cristo, judeus ou gentios, e isso seria demonstrado na conversão dos judeus a Cristo, à medida que o Evangelho é pregado. Não se trataria de uma restauração literal do estado de Israel com fronteiras físicas (como pensam os dispensacionalistas), mas de uma restauração espiritual, em que os judeus seriam incluídos no Reino de Deus por meio da fé em Jesus Cristo.

Para ambos os pontos de vista (Preterismo Parcial e Pós-milenismo), a restauração do Reino em Atos 1 não é uma restauração literal de Israel como uma nação política, mas uma restauração espiritual. Em vez de esperar que Israel seja restaurado fisicamente em sua terra, a ênfase está na conversão dos judeus e gentios, formando um novo povo de Deus, o “Israel espiritual”, que é o Corpo de Cristo, a Igreja. Portanto, o Reino de Deus é restaurado através da expansão do Evangelho e da conversão das pessoas, incluindo os judeus, a Cristo.

3

Engano acerca da ressurreição dos mortos

“Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?”

- 1ª Coríntios 15:12

A dificuldade dos gregos em aceitar a ressurreição dos mortos no contexto de Corinto pode ser compreendida melhor ao se considerar tanto a cultura grega da época quanto as teologias em disputa, assim como a maneira como Paulo abordou esses temas, especialmente à luz de seu discurso em Atenas.

A Cultura Grega e a Visão sobre a Imortalidade da Alma

Na cultura grega, particularmente na filosofia platônica, havia uma ênfase na imortalidade da alma em vez na ressurreição do corpo.

Platão, em suas obras, como o Fédon, argumenta que a alma é imortal e que, após a morte, ela se separa do corpo e vive em outra dimensão. Esta visão enfatizava a liberdade da alma das limitações e corrupções do corpo material. A ideia de um corpo físico sendo ressuscitado era, portanto, um conceito difícil para muitos gregos, pois a visão de ressurreição implicava que a matéria (o corpo) pudesse ser restaurada e transformada, o que contradizia a ideia de que o corpo era um cárcere da alma.

Em Corinto, uma cidade grega influenciada por essas correntes filosóficas, muitos provavelmente compartilhavam essa visão dualista, que separava o corpo da alma e considerava a alma como essencialmente boa e o **corpo como algo inferior ou corrompido. A ressurreição do corpo, com a ideia de reanimação de uma forma física, não era uma ideia bem aceita dentro dessa mentalidade filosófica. Portanto, a negação da ressurreição dos mortos, mencionada por Paulo em 1ª Coríntios 15:12, reflete a dificuldade de muitos coríntios em compreender e aceitar a ressurreição como um conceito teológico válido.

O Discurso de Paulo em Atenas e a Zombaria da Ressurreição

Paulo já havia se deparado com a resistência à ideia de ressurreição dos mortos em sua pregação em Atenas (Atos 17). Quando Paulo anunciou a ressurreição de Jesus no Areópago (o conselho de Atenas), a reação de muitos dos filósofos gregos foi de zombaria e desdém. Eles estavam mais dispostos a ouvir sobre novas ideias filosóficas (como o conceito de deuses e demônios ou ideias sobre a alma) do que aceitar uma ressurreição física. Em Atos 17:32, lemos que, quando Paulo falou sobre a ressurreição, alguns disseram: “Ouviremos você sobre isso em outra ocasião”, enquanto outros

zombaram. Essa reação é um reflexo claro da dificuldade grega em aceitar a ressurreição.

Isso também está ligado à visão grega de que a imortalidade da alma é uma realidade mais aceitável do que a ressurreição física do corpo. O conceito grego de que a alma é eterna e que o corpo é descartável depois da morte conflita diretamente com a esperança cristã de uma ressurreição física, onde tanto corpo quanto alma seriam restaurados e unidos para a vida eterna.

A Dificuldade em Aceitar a Ressurreição no Contexto Coríntio

A cidade de Corinto, situada no coração do mundo grego, era um centro de comércio, cultura e filosofia. Era um ponto de encontro de ideias de várias vertentes, como o estoicismo, o epicureísmo e as influências de Platão e Aristóteles. O estoicismo, por exemplo, via a morte como um retorno da alma ao cosmos, enquanto o epicureísmo negava qualquer tipo de vida após a morte, defendendo a ideia de que a morte era simplesmente o fim da existência. Ambas as filosofias estavam distantes da doutrina cristã da ressurreição física.

Dentro desse contexto cultural, Paulo enfrentava uma resistência significativa em ensinar sobre a ressurreição dos mortos. Para muitos coríntios, a ideia de um corpo físico sendo ressuscitado e transformado em um corpo glorificado (como Paulo explica em 1ª Coríntios 15) era difícil de aceitar. Eles estavam mais acostumados com as ideias de imortalidade da alma, mas não com a ideia de uma ressurreição que envolvia a transformação do corpo físico. Além disso, a doutrina cristã da ressurreição exigia uma renovação total da criação e da existência humana, o que desafiava a visão grega de um mundo idealizado no qual a alma se libertava do corpo.

Portanto, a dificuldade teológica dos coríntios em aceitar a ressurreição pode ser atribuída a um embate cultural e filosófico entre as doutrinas gregas predominantes e a nova visão cristã, que unia corpo e alma na esperança de uma transformação plena. A partir de 1ª Coríntios 15:12, aprendemos que os pensamentos culturais de cada época podem levar a enganos na interpretação de doutrinas fundamentais, como a da ressurreição. No contexto de Corinto, o confronto entre a visão grega da imortalidade da alma e a doutrina cristã da ressurreição do corpo revela como as crenças culturais influenciam a compreensão religiosa. De maneira semelhante, em nosso tempo, muitas pessoas enfrentam dificuldades para acreditar que corpos que se desintegraram em pó ou que já não existem mais possam ser reunidos para a ressurreição. Esse engano contemporâneo é frequentemente alimentado por uma mentalidade excessivamente científica, que limita o entendimento das realidades espirituais, e pela falta de conhecimento das Escrituras e do poder infinito de Deus. O conceito de ressurreição desafia nossa compreensão humana, mas é um princípio central da fé cristã, baseado no poder de Deus que pode fazer o impossível acontecer.

4

Engano sobre a situação dos mortos em Cristo e a vinda do Senhor

“Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança.

Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem”.

– 1ª Tessalonicenses 4:13-14

A preocupação dos crentes de Tessalônica, conforme descrito nas cartas de Paulo, era com relação aos mortos, e não aos vivos, em relação à Segunda Vinda de Cristo.

No contexto da Primeira Carta de Paulo aos Tessalonicenses, especialmente em 1ª Tessalonicenses 4:13-18, o apóstolo aborda uma dúvida que os cristãos daquela igreja estavam tendo: eles estavam preocupados com o destino dos cristãos que haviam morrido antes

da Segunda Vinda de Cristo. A preocupação era a de que, ao morrerem, esses crentes não seriam parte da ressurreição ou da glorificação que aconteceria no retorno de Jesus.

Paulo então esclarece que os mortos em Cristo não perderiam a Segunda Vinda, pois na verdade, eles seriam os primeiros a ser ressuscitados, seguidos pelos que estivessem vivos no momento do retorno de Cristo. Ele escreve:

“Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para encontrar o Senhor nos ares”.

- 1ª Tessalonicenses 4:16-17

Portanto, a principal preocupação era a dos mortos em Cristo, e não dos vivos. Os vivos também seriam transformados, mas a ênfase de Paulo é a garantia de que os que morreram na fé não seriam de modo algum excluídos da glória que viria com a Segunda Vinda de Cristo.

Nos dias atuais, muitos cristãos estão preocupados em ser “deixados para trás” durante o Arrebatamento Secreto. Trocaram a ideia de "morrer em Cristo" pela expectativa de não experimentar a morte, acreditando que o Arrebatamento os livrará disso. A partir dessa visão, surgem falsas promessas, como a de que Jesus garantirá que o crente não morrerá, pois Sua Vinda está iminente. Outros defendem a ideia de que um crente fiel não morrerá prematuramente, mas, ao viver o suficiente, poderá participar do Arrebatamento. De engano em engano, a realidade é que precisamos de instrutores qualificados, como o apóstolo Paulo, para corrigir essas distorções. Nossa compreensão da Escatologia se empobreceu devido às falsas doutrinas do Dispensacionalismo, que têm alimentado um reino de fantasia em vez de uma visão bíblica e equilibrada dos tempos futuros.

5

Engano sobre o Dia do Senhor

“Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor”.

– 2ª Tessalonicenses 2:1-2

Este texto revela que os crentes de Tessalônica estavam sendo confundidos e perturbados sobre a data ou o momento do “Dia do Senhor”. Note que a dúvida não era sobre a ressurreição dos mortos e o arrebatamento dos vivos de 1ª Tessalonicenses 4, mas sobre o “Dia do Senhor” do capítulo 5 de 1ª Tessalonicenses. Mas há diferença? Não seria o “Dia do Senhor” o mesmo que o Dia da Segunda Vinda de Cristo? Embora a Segunda Vinda de Cristo seja também um “Dia do Senhor”, o fato é que 1ª Tessalonicenses capítulo 5 fala sobre outro “Dia do Senhor”, que é o dia da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Paulo, ao escrever a segunda carta, procurou corrigir o mal-entendido que se espalhou entre eles,

alertando-os para não se deixarem enganar por falsas mensagens ou por rumores sobre esse evento.

A prova de que o Dia do Senhor descrito em 1ª Tessalonicenses capítulo 5 é o dia do juízo contra Jerusalém, está na explicação dos eventos que antecederiam o dia desse juízo.

O apóstolo explica:

“Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”.

- 2ª Tessalonicenses 2:3-4

A principal preocupação de Paulo era que os crentes acreditassem que o Dia do Senhor já tivesse ocorrido ou estivesse prestes a acontecer de maneira inesperada. Essa crença gerava ansiedade e confusão, pois, segundo o ensino bíblico, o Dia do Senhor estava ligado a acontecimentos específicos que ainda não haviam se cumprido. Entre esses acontecimentos, destacavam-se a vinda do “homem da iniquidade” e a “apostasia”. Esses eventos, conforme Paulo ensinava, precisavam ocorrer antes do retorno de Cristo em juízo contra Jerusalém e, portanto, não poderiam já ter se concretizado na época dos tessalonicenses.

Nos dias atuais, muitas pessoas continuam se enganando com a passagem de 2ª Tessalonicenses 2:3-4, acreditando que ela se cumprirá nos nossos tempos. No entanto, o apóstolo Paulo foi claro ao ensinar aos tessalonicenses que a vinda da apostasia e do homem da iniquidade (provavelmente identificado com Nero César) ocorreria em seu próprio tempo:

“Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas? **E, AGORA**, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria”.

- 2ª Tessalonicenses 2:5-6 – o grifo é meu.

Um dos grandes debates entre os intérpretes modernos gira em torno de quem “detém” o homem da iniquidade de se manifestar. Alguns afirmam que é o Espírito Santo, cuja remoção da Terra permitiria a manifestação do Anticristo. Outros dizem que é a Igreja, que, enquanto estiver presente, impede o surgimento do Anticristo. No entanto, enquanto os intérpretes modernos se perdem nessas especulações, eles acabam deixando de lado o ponto principal: **os indicadores de tempo** que Paulo deu aos tessalonicenses, os quais apontavam claramente para a proximidade do cumprimento da profecia.

A palavra “agora” aparece duas vezes (nos versículos 6-7), e a frase “já o mistério da injustiça opera” aparece uma vez (no versículo 7), indicando que a manifestação do homem da iniquidade estava iminente para aqueles dias. Enquanto os estudiosos de hoje se dedicam à discussão sobre a identidade de quem detém o homem da iniquidade, os tessalonicenses de dois mil anos atrás sabiam exatamente o que estava acontecendo, pois Paulo lhes disse: “**E agora vós sabeis o que o detém**”. O homem da iniquidade foi um contemporâneo dos tessalonicenses, e não um suposto Anticristo que surgirá no nosso futuro.

Assim como os tessalonicenses se enganaram sobre o Dia do Senhor, muitos em nosso tempo também estão se enganando, quer seja por palavras ou escritos de uma má escatologia.

6

Engano sobre a demora da vinda do Senhor

“O Senhor não retarda a sua promessa, como alguns a julgam demorada; mas é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”.

- 2ª Pedro 3:9

Neste versículo, o apóstolo Pedro esclarece que a aparente demora na vinda de Cristo não é um atraso, mas um ato de paciência divina, visando dar tempo para que mais pessoas se arrependam e sejam salvas. Nesse contexto, o apóstolo Pedro estava falando sobre os escarnecedores dos últimos dias. Ele diz:

“...tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”.

- 2ª Pedro 3:3-4

Enquanto muitos são sensacionalistas ao afirmar que a Vinda do Senhor está próxima, as portas, outros se perdem julgando-a demorada. Vemos isso em uma das parábolas de Jesus:

“Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se...”.

- Mateus 24:48

Neste caso em questão, quem diz aqui que o seu Senhor demora é o servo, e não um escarnekedor dos últimos dias. Então até mesmo entre os cristãos é possível que haja esse engano em relação a demora da Vinda do Senhor. A Vinda em questão na carta do apóstolo Pedro não é a Segunda Vinda de Cristo, mas a Vinda em juízo contra Jerusalém no ano 70 d.C. O teólogo e escritor Gary DeMar contextualizou brilhantemente como e porque apareceram tais escarneadores desafiando os cristãos no tempo do apóstolo Pedro:

“O templo ainda está em pé, o sacerdócio está intacto e os sacrifícios de animais estão acontecendo como de costume. A antiga aliança não passou; é um dispositivo permanente, mesmo com a opressão romana. As pessoas estão se casando e dando-se em casamento, comendo e bebendo, comprando e vendendo, plantando e construindo (Lucas 17:22-35). Tudo está como foi desde a criação (2ª Pedro 3:4). Este Jesus, que afirmou que Ele viria em julgamento antes de “esta geração” passar (Mateus 24:34), era um falso profeta e vocês, cristãos, são tolos em segui-lo. Voltem para a verdadeira fé de seus pais”.⁴

A grande lição da carta de Pedro é que, independentemente de como se dê a vinda do Senhor — seja no juízo, na Segunda Vinda no fim dos tempos, ou mesmo através da morte —, corremos o risco de

⁴ Identifying the real Last Days Scoffers, pág. 20 (versão digital). Gary DeMar. Copyright © 2012 Gary DeMar. Published December 2012 by: American Vision Press P.O. Box 220. Powder Springs, GA 30127

cair no engano de achar que ela está demorando demais. Esse pensamento pode nos levar a negligenciar o trabalho no Reino de Deus, esquecendo que fomos confiados com talentos para cumprir a missão que nos foi dada.

Conclusão

A certeza sobre a Segunda Vinda de Cristo

“Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos.

E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”.

- Atos 1:9-11

A cena descrita em Atos 1:9-11 marca um momento crucial, pois os discípulos, como judeus que eram, estavam familiarizados com a ideia de uma ressurreição no último dia. Contudo, não estava em seus planos ou ensinamentos que o homem Jesus, ressuscitado, subisse ao céu de corpo e alma e voltasse da mesma forma. O que os anjos disseram ali parecia uma nova revelação, pois, se fosse algo já esperado, não haveria necessidade de explicá-lo. “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”, afirmaram os anjos, deixando claro que a Segunda Vinda de Cristo será visível e concreta, algo que os discípulos precisariam entender de maneira nova.

Desde aquele momento, a Igreja nunca se deixou enganar quanto à Segunda Vinda de Cristo. Embora diversas interpretações escatológicas tenham surgido ao longo dos séculos — como a ideia da Grande Tribulação, do Anticristo e dos males descritos no Apocalipse —, o retorno de Cristo sempre foi um ponto claro e indiscutível. A revelação dos anjos foi tão fundamental que, posteriormente, Pedro afirmou em Atos 3:20-21 que Jesus está no céu, aguardando o momento da restauração de todas as coisas. Pedro reafirma que o “homem Jesus” está contido no Céu até a Sua volta, o que confirma a certeza da Sua Segunda Vinda.

Essa crença sobre o retorno de Cristo foi refletida no Credo Niceno, que, em uma de suas frases mais importantes, afirma:

“Ele virá, para julgar os vivos e os mortos, e o Seu reino não terá fim”.

Desde a Igreja primitiva até os dias de hoje, as principais correntes escatológicas cristãs sempre creram que Jesus voltará um dia de forma visível e gloriosa. Esse ensinamento permanece intacto e inquestionável, pois é o núcleo da Fé Cristã. Não importa o que se especule sobre os eventos ao redor dessa Vinda — o fato da Segunda Vinda de Cristo é um princípio inalterável que a Igreja, tanto primitiva quanto moderna, nunca se enganou.

Isso não significa que não possamos abordar assuntos secundários, como a Grande Tribulação, o Anticristo, o caos mundial, entre outros. Costumo dizer que a Escatologia Bíblica não é complicada, misteriosa ou oculta; ela é vasta. A quantidade de temas envolvidos na Escatologia é significativa. Convido, portanto, o leitor a iniciar um estudo sério e a reavaliar sua posição escatológica, movido pelo amor à Verdade. Um bom ponto de partida é o estudo direto das fontes sobre o Preterismo Parcial e o Pós-milenismo.

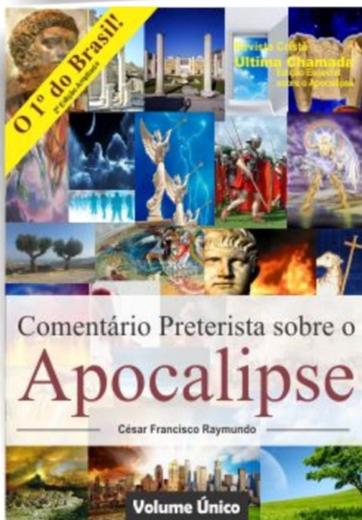
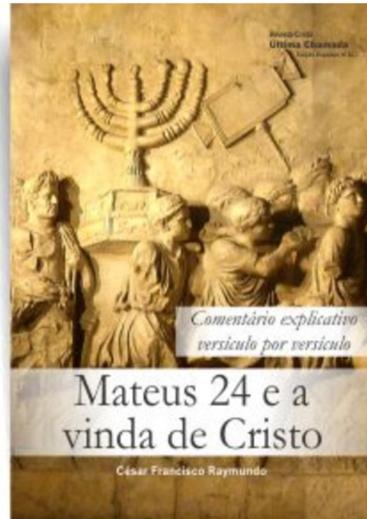
Para evitar os enganos que ocorreram na Igreja primitiva e que continuam a ocorrer na Igreja moderna, é fundamental estarmos abertos ao contraditório. Sem a análise do contraditório, não há como

haver progresso no conhecimento e, conseqüentemente, alcançar a Verdade sobre qualquer assunto.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança
Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?